

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**RELATO AUTOBIOGRÁFICO: NARRATIVAS DE UMA (TRANS)FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA - DESCAMINHOS DA DOCÊNCIA**

Maitê Christino

Rio de Janeiro

2021

MAITÊ CHRISTINO

**RELATO AUTOBIOGRÁFICO: NARRATIVAS DE UMA (TRANS)FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA - DESCAMINHOS DA DOCÊNCIA**

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português/ Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Mônica de Souza Hourí

RIO DE JANEIRO

2021

CIP - Catalogação na Publicação

CC555r Christino, Maite
RELATO AUTOBIOGRÁFICO: NARRATIVAS DE UMA
(TRANS)FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA - DESCAMINHOS DA
DOCÊNCIA / Maite Christino. -- Rio de Janeiro, 2021.
30 f.

Orientador: Monica de Souza Hourí.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2021.

1. Autobiografia. 2. Histórias de Vida. 3.
Narrativas de Formação Universitária . 4. Educação
Superior. I. de Souza Hourí, Monica, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Antes de iniciar a rememoração de minha trajetória, gostaria de agradecer àqueles que contribuíram de diversas formas nesta caminhada.

A meus pais, Rosane e Miguel, obrigada por toda a dedicação para sempre me darem as melhores oportunidades que me possibilitaram chegar aqui hoje.

Em especial, à minha orientadora, Mônica Houri, meus sinceros agradecimentos por me acolher em um período tão difícil e embarcar na aventura autobiográfica ao meu lado, descobrindo e construindo tantas narrativas e reflexões.

Também gostaria de agradecer àqueles que estiveram ao meu lado nessa caminhada ao longo dos anos.

A Alissa, pela parceria do começo ao fim da graduação.

A Giulia, pelo companheirismo e amizade há mais de 20 anos.

A João e Pedro, com saudades, pelo apoio incondicional, mesmo de longe.

A Antonio, Bernardo e Lucia, por me acompanharem e estarem sempre presentes desde a escola.

A Henrique, Julia, Luísa e Mel, por compartilharem sonhos de longa data.

Por fim, aos professores da Faculdade de Letras da UFRJ, por lutarem incessantemente por uma educação superior pública de qualidade e pelos ensinamentos, críticas e reflexões ao longo da graduação.

“Peço-lhe que tente ter amor pelas próprias perguntas, como quartos fechados e como livros escritos em uma língua estrangeira. Não investigue agora as respostas que não lhe podem ser dadas, porque não poderia vivê-las. E é disto que se trata, de viver tudo. Viva agora as perguntas. Talvez passe, gradativamente, em um belo dia, sem perceber, a viver as respostas.”

Reiner Maria Rilke

RESUMO

Por meio da metodologia autobiográfica, o presente trabalho analisa os caminhos percorridos desde o começo da escolha profissional até a conclusão da graduação, com decisão final de mudança de rumos profissionais. Para isso, utilizam-se memórias e relatos pessoais da história de vida, com objetivo de compreender os fatores que culminaram em uma desilusão acadêmica. Dialoga-se, então, com outros artigos e referências teóricas sobre autobiografia – Delory-Momberger (2011), Josso (2007) e Bueno (2006) – para evidenciar a relevância acadêmica desse tipo de produção.

Palavras-chave: Autobiografia; Histórias de Vida, Narrativas de Formação Universitária; Educação Superior.

ABSTRACT

Through the autobiographical methodology, the present work analyzes the paths taken from the beginning of the professional preference until the conclusion of the undergraduate course along with a final decision to change professional directions. For this, personal memories and life stories are used to understand the reasons that culminated in an academic disillusionment. It has dialogues with other articles and theoretical references on autobiography – Delory-Momberger (2011), Josso (2007) and Bueno (2006) – to demonstrate the academic relevance of this type of production.

Keywords: Autobiography; Life Story, Undergraduate Formative Narrative; Higher Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 2 – DEBATE TEÓRICO.....	09
2.1 – Autobiografia.....	09
2.2 – Diálogo com outras pesquisas.....	11
CAPÍTULO 3 - AS ESCOLHAS.....	13
3.1 – Carreiras diversas	14
3.1.1 – Jornalismo	14
3.1.2 – Medicina	14
3.1.3 – Biomedicina	15
3.1.4 – Engenharia	15
3.2 – Letras	16
3.2.1 – Educação de Jovens e Adultos (EJA)	16
3.2.2 – A escola - até então - final	18
CAPÍTULO 4 – AS VIVÊNCIAS.....	19
4.1 – Ciclos sociais	19
4.2 – O decorrer do curso	21
CAPÍTULO 5 – A MUDANÇA	23
5.1 – Novos caminhos	23
5.2 – Concretização dos planos	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1. INTRODUÇÃO

As expectativas acerca da escolha profissional acompanham os jovens desde muito cedo. Para uns, as respostas relacionadas à futura profissão são claras e bem definidas.

No entanto, no meu caso, a dúvida entre as mais variadas carreiras era constante. Por esse motivo, aos 17 anos, após inúmeras sessões de orientação vocacional, com profissionais diferentes, tomei a decisão de cursar Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Hoje, aos 23, reconheço a importância dessa formação acadêmica na minha identidade, contudo, ao longo dos quatro anos de curso, fui capaz de perceber que, apesar de não me arrepender da escolha, ela não era a mais acertada para mim.

Nessa conjuntura, a contribuição deste trabalho é analisar as escolhas de carreira e trajetória de formação universitária por meio de experiências pessoais dentro da abordagem teórica autobiográfica, visando compreender os motivos e implicações que podem resultar em tal desilusão acadêmica.

Para tanto, análises a respeito da produção de autobiografias acadêmicas de Belmira Bueno, e artigos que aprofundam estudos sobre as produções em primeira pessoa no âmbito da educação, de Marie-Christine Josso e Christine Delory-Momberger, são utilizados como principais bases teórico-metodológicas.

Assim, as perguntas que movem a pesquisa são: por que as razões que levaram à entrada no curso de Letras, considerando a docência como objetivo final, não foram suficientes para a plena realização das expectativas em relação à profissão? Por conseguinte, quais foram os motivos que nortearam a escolha de seguir para uma segunda graduação?

Considerando os fatores que levaram à decisão de fazer outra graduação e, conseqüentemente, de mudanças de objetivos de vida, tornou-se necessário dar um sentido a essa primeira formação na Faculdade de Letras e, também, à opção de seguir outro caminho. Ao rememorar a respeito desses anos, tomei conhecimento do meu próprio processo metamórfico vivenciado no tempo dentro da Universidade. No entanto, é a partir de uma ressignificação da trajetória universitária, que se torna possível depreender as motivações dessas escolhas acadêmicas.

Aqui, então, como objetivo busca-se compreender duas motivações centrais: a do início e a do final do percurso acadêmico, que pode ser dividido em duas partes. Primeiramente, a escolha pela faculdade de Letras, em seguida, a decisão de finalizar a licenciatura, mesmo não sendo mais o caminho desejado e, finalmente, os anseios que deram como fruto a escolha do

curso de Direito. Para tal fim, é importante analisar os fatores que influenciaram essa transformação para assimilá-los e, portanto, entender o processo como um todo.

Tendo em mente a sua estrutura rememorativa, o trabalho se subdivide em quatro sessões. Primeiro, um debate teórico acerca do gênero literário autobiográfico e suas utilizações no contexto educacional em conjunto com um diálogo entre a minha realidade e outras pesquisas sobre histórias de vida no meio acadêmico. Em seguida, inicia-se a reminiscência crítica a respeito do objeto de estudo da pesquisa: a escolha da profissão, suas motivações e consequências. Logo após, desenvolve-se a trajetória dentro da Faculdade de Letras ao longo dos anos do curso focando nas descobertas, experiências e vivências transformadoras que desconstroem aos poucos o desejo longínquo pela carreira docente. Por último, finaliza-se esse recorte da vida com a decisão de mudança de rumos e uma nova escolha profissional na área jurídica, longe das salas de aula, porém mantendo proximidade com a educação, conciliando os estudos de vestibular e a presença dentro das escolas como professora.

2. DEBATE TEÓRICO

O caráter individual advindo do campo semântico da palavra autobiografia, pode, em um primeiro momento, dar a impressão de um processo de escrita pura e simplesmente singular. Contudo, a configuração das narrativas de histórias de vida como projeto de pesquisa demanda aprofundamentos conceituais.

Bueno et al. (2006) destaca, em seu levantamento a respeito da utilização desse gênero dentro do processo de formação de professores, as narrativas em primeira pessoa por conta da falta de diálogos e definições precisas dos referenciais teóricos, dando às produções um tom de subjetividade extremo com as mais diversas possibilidades de interpretação.

Dessarte, para construir essa monografia a respeito de minha trajetória de formação e de vida, foram escolhidas, como ferramentas essenciais de interlocução, teorias de Marie-Christine Josso, Christine Delory-Momberger e Belmira Oliveira Bueno.

2.1. AUTOBIOGRAFIA

No que diz respeito à construção (auto)biográfica, é durante a Renascença que, segundo Delory-Momberger (2011), o indivíduo encontra em si, por meio de suas experiências de vida, fontes para o desenvolvimento pessoal, ou seja, torna-se o autor e protagonista de suas vivências, com características que, em vez de encaixarem-se em uma classe hierárquica –

nobres, cavaleiros e servos, como era de praxe nas obras medievais, servem como forma de diferenciação e singularidade.

É desse modo, então, que se origina a narrativa de formação que narra as etapas do desenvolvimento de uma individualidade e considera as experiências da vida como diferentes oportunidades de formação pessoal.

Em paralelo, a história de vida, diferenciada da narrativa de formação literária por ter um caráter mais verídico, apesar de a verdade ser contada através das lentes do autor, com apenas um único ponto de vista - temporal e distante dos acontecimentos - oferece a esse sujeito-autor a reflexão a respeito do passado, experienciado até então, e de sua formação, que fê-lo chegar até o estágio que se encontra no momento presente dos registros. Não somente

Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante à cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo sujeito. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o “dizível” da sua história, da sua subjetividade e dos percursos da sua vida. (NASCIMENTO, 2007, p.64)

No entanto, o (auto)personagem possui semelhanças em relação aos textos oriundos do *Bildungsroman*¹, nos quais o ser é formado por meio de suas experiências, sendo sua vida um conjunto das aprendizagens adquiridas no caminho até encontrar uma forma realizada – podendo ser inatingível – de si.

A apropriação da autobiografia, então, nesta pesquisa vai ao encontro da compreensão dos aprendizados adquiridos ao longo – de um período – da vida que possui relevância acadêmica na tentativa de formação de sentido de uma trajetória com resultados diferentes do esperado, mas que não invalidam o processo, na verdade, agregam-no ao serem o meio até a forma de realização antes referenciada. Desse modo, essa trajetória assume tanto o caráter de

¹ [Em port., “romance formativo ou romance de formação”; em ingl., coming-of-age novel ou apprenticeship novel.] Sendo possível traduzir o termo germânico por ‘romance formativo’ ou ‘romance de formação’, considera-se mais adequado seguir o uso da história literária e manter a designação original, pois tal uso corresponde ao reconhecimento do Bildungsroman como contributo específico da literatura alemã. (...) Ao centrar o processo de desenvolvimento interior do protagonista no confronto com acontecimentos que lhe são exteriores, ao tematizar o conflito entre o eu e o mundo, o Bildungsroman dá voz ao individualismo, ao primado da subjectividade e da vida privada perante a consolidação da sociedade burguesa, cuja estrutura económico-social parece implicar uma redução drástica da esfera de acção do indivíduo.

chegada a um fim quanto de chegada a um novo começo. Sendo apenas, como afirma Josso, a ponta do *Iceberg* da existencialidade.

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. (JOSSO, 2007, p.420)

A utilização da autobiografia de formação, no entanto, ainda é um gênero pouco difundido academicamente, logo, não encontramos um grande contingente de pesquisas, principalmente no âmbito da graduação, de textos escritos em primeira pessoa que apresentam trajetórias acadêmicas. Bueno (2006) apresenta dados que mostram a intensificação dessa metodologia no Brasil a partir dos anos 1990, contribuindo como forma de renovação da pesquisa de formação de professores, porém, o estudo da própria história de vida pelo pesquisador é quase irrelevante dentro dos resultados apontados pela autora em seu artigo.

2.2 DIÁLOGO COM OUTRAS PESQUISAS

Cumulativa e compartilhada, a ciência necessita de um resgate para sua renovação, portanto, trago para a construção da presente pesquisa diálogos com outros trabalhos.

Sendo assim, a partir dos descritores selecionados – *autobiografia, formação, narrativas de formação, ensino superior, histórias de vida, memória e educação* - foi possível, por meio de bases de dados da internet de grande alcance, como sciELO, Minerva UFRJ, Biblioteca USP e Google Acadêmico, buscar e selecionar análises que pudessem agregar e auxiliar na compreensão da construção do texto autobiográfico como método de pesquisa. Três produções se encaixam de maneira mais adequada dentro dos parâmetros definidos no começo da análise. Foram elas as monografias “Uma aventura autobiográfica: Memórias da formação docente” (ZARTH, 2018), “Narrativas autobiográficas e a constituição da identidade docente: a configuração da experiência formadora por meio do Estágio Supervisionado” (RODRIGUES, 2014) e “Minha trajetória: Um retrato autobiográfico em formação” (MORAIS, 2013). No entanto, todas diferem da presente pesquisa pelo seguinte motivo: têm como finalidade a formação docente. A jornada, para elas, é importante, porém é indissociável da profissão de professor, tornando-se a recompensa para percalços vividos.

Ademais, apesar de estar configurada fora dos descritores mencionados acima, é relevante, dentro do Estado da Arte, citar outra pesquisa lida. Na tentativa de aprofundar a discussão sobre escolhas profissionais e motivações que influenciam diretamente neste processo, um dos alicerces na construção desta monografia autobiográfica, o artigo “O gosto e

as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado” (NOGUEIRA e PEREIRA, 2010) foi de extrema importância. Isso porque

o trabalho biográfico não é repetir histórias do passado, mas sua retomada parcial, na colocação em perspectiva do presente e do futuro, graças a esse olhar retrospectivo, por um lado e, por outro, devido ao fato de que cada acontecimento ou contexto singular remete imediatamente a referenciais coletivos (socioculturais e sócio-históricos), estejamos ou não conscientes disso. (JOSSO, 2007, p. 414)

Desse modo, o compartilhamento e a identificação com outras histórias de vida – nesse caso o referencial coletivo – faz parte da construção da própria identidade pela rememoração e reflexão a partir dos elementos externos.

Todavia, na primeira monografia analisada, “Uma aventura autobiográfica: Memórias da formação docente” (ZARTH, 2018), a autora problematiza as vivências como parte desse processo de formação e coloca em foco os desafios vividos, que nesse caso, mostraram-se válidos e bem aproveitados. Por outro lado, no meu, eles foram importantes para me fazer enxergar que, de fato, não era um caminho que traria recompensas a longo prazo, e, por isso, deveria ser repensado. Zarth utiliza, ainda, imagens, tais quais fotos para o resgate de suas memórias, como fontes, mas são relatos as reais fontes para os questionamentos levantados e respondidos por ela ao longo do texto.

Já no segundo trabalho de conclusão de curso, “Minha trajetória: Um retrato autobiográfico em formação” (MORAIS, 2013), a autora apresenta as narrativas de memória da escolarização por meio da metodologia de história de vida e formação de professores, a partir de um relato autobiográfico. Porém, se distancia um pouco de meu objetivo ao rememorar sua história desde a infância, e, novamente, com o desejo de seguir na profissão, utilizando os fatos presentes em sua rememoração para uma análise reflexiva vinculada ao magistério.

A última monografia utilizada como fonte de pesquisa para a construção do presente trabalho, “Narrativas autobiográficas e a constituição da identidade docente: a configuração da experiência formadora por meio do Estágio Supervisionado” (RODRIGUES, 2014), ao mesmo tempo que se aproxima pela forma de construção e dos objetivos, com as referências e percursos, distancia-se pelo conteúdo final ao focar o sentimento de certeza em relação à escolha pela profissão docente.

O resultado deste mapeamento sobre narrativas autobiográficas utilizadas em contexto de conclusão de curso, com propósito de refletir a respeito do processo de formação, atentando-se às mudanças que ocorrem ao longo dele, foi bem-sucedido. Entretanto, todos estes possuíam como componente essencial o desejo do exercício da profissão docente como motor que permitia a superação das dificuldades enfrentadas ao longo da graduação. Considerando, então,

esse motivador como parte fundamental, capaz de mover a escrita de tais projetos, evidencia-se a diferença com o presente trabalho.

Além disso, é relevante também considerar a influência direta do ambiente cultural e do sentimento de pertencimento a um grupo social em algumas decisões fundamentais de questionamentos aqui levantados. Para isso, a contribuição de Pierre Bourdieu, a partir do conceito de *capital simbólico*, evidencia como as relações que permeiam a sociedade são evidenciadas como tentativa de obter respostas para os porquês que antes eram apenas considerados um efeito colateral, isto é, uma parte não tão significativa da trajetória, visto que

a representação que os agentes se fazem de sua posição no espaço social (assim como a representação — no sentido teatral, como em Goffman — que realizam) é o produto de um sistema de esquemas de percepção e de apreciação (*habitus*) que é ele mesmo o produto incorporado de uma condição definida por uma posição determinada quanto à distribuição de propriedades materiais (objetividade 1) e do capital simbólico (objetividade 2) e que leva em conta não somente as representações (que obedecem às mesmas leis) que os outros têm dessa mesma posição e cuja agregação define o capital simbólico (comumente designado como prestígio, autoridade, etc.), mas também a posição nas distribuições retraduzidas simbolicamente no estilo de vida. (BOURDIEU, 2013, p. 111)

É desse modo, portanto, que somos capazes de assimilar as circunstâncias que podem culminar em algumas famílias culminaram na repreensão da escolha pela licenciatura em detrimento de bacharelados extremamente prestigiados, pois

Ele (o capital simbólico) é a forma sublimada de que se revestem realidades tão claramente objetivas como aquelas registradas pela física social, castelos ou terras, **títulos de** propriedade, de nobreza ou de **ensino superior**, assim que são transfigurados pela percepção encantada, mistificada e cúmplice, que define em particular o esnobismo (ou, em outro nível, a pretensão pequeno-burguesa). (BOURDIEU, 2013, p. 110, grifo nosso)

Entretanto, intenta-se aqui, em contraposição aos trabalhos referenciados, analisar como o percurso pré-definido da trajetória *faculdade ao exercício da profissão* sofreu tantas mudanças a ponto de ter o destino final transformado e, também, se transformar em um meio do percurso total, extremamente importante para a continuação futura.

3. AS ESCOLHAS

A indecisão em relação a tantos cursos – jornalismo, medicina, engenharia, biomedicina e letras – ao longo dos quatro anos finais de escola parece, em um primeiro momento, completamente sem relação, porém cada opção tem a ver com um aspecto de interesses do momento desse espaço de tempo.

Nesse capítulo, então, serão explicitadas as motivações de cada uma das opções, além de os motivos que me levaram a desconsiderá-las.

3.1. CARREIRAS DIVERSAS

3.1.1. JORNALISMO

Minha vida pessoal, extremamente distante da acadêmica, sempre foi marcada por ídolos – no começo, não tão relevantes emocionalmente, estavam Sandy & Júnior e Flávia Alessandra, depois, a partir de os 11 anos, Lady Gaga e Ellen Pompeo (além de diversas atrizes de séries em andamento) protagonizavam posters e fotos pelo quarto, além de inúmeras crises de choro durante shows, episódios e entrevistas. Acredito que essa característica pessoal tenha sido fundamental para a primeira carreira cogitada durante o final do Ensino Fundamental II, época na qual perguntas a respeito de profissões se iniciam. Nesse mesmo período, eu era responsável por um *Fan blog* da Lady Gaga e, poucos anos depois, por outro, de *Grey's Anatomy*, ambos com certa relevância no meio. Desse modo, crescia, junto comigo, a ideia de que a escolha de um curso como jornalismo ou midialogia poderia, no futuro, proporcionar uma rotina na qual os interesses pessoais estariam diretamente relacionados com os de trabalho. Não possuo uma memória específica nem resquícios de motivos que me levaram a desistir de tal profissão, mas, ao longo dos anos, vi que, de fato, era um interesse particular que não deveria ter relação com obrigações.

3.1.2. MEDICINA

Quase todos os processos de início de minhas escolhas são confusos, talvez por terem sido motivados por aspectos rotineiros, assim, não possuem um marco exato de quando foram iniciados. No entanto, acredito também que seja possível reconhecer tais aspectos baseando-se no dia a dia da época. No final do Ensino Fundamental, um deles era acompanhar inúmeras séries e uma cantora assiduamente, com muito mais dedicação do que às matérias da escola. Sendo assim, a influência da romantização da medicina proporcionada pela série “*Grey's Anatomy*” era clara em uma menina de 13-14 anos que se via no momento de responder perguntas a respeito de sua futura profissão e começar a se dedicar aos estudos – caso esta fosse a decisão final – por ser considerado o curso mais concorrido em universidades públicas. Dessa forma, pesquisas sobre a profissão real – longe das telas e câmeras – foram iniciadas, assim como conversas com médicos e pessoas que estavam inseridas nesse meio.

A concorrência, inclusive, torna-se um fator fundamental nessa lembrança, já que, junto a ela está o prestígio de prestar vestibular para e escolher a carreira mais difícil entre tantas outras. Prestígio este que não é encontrado apenas dentro da escola e das salas de aula, mas também no meio familiar, que, apesar de afirmar não ser um dos motivos para o não questionamento do curso, é agradável, pois remete à imagem de um futuro de muitos estudos, mas também de o estereótipo de uma remuneração magnífica, junto com o status que a profissão carrega por si só.

Por outro lado, a mesma concorrência que deixava o curso mais merecedor de esforço, era a que me assustava. Isso porque a ideia de passar alguns anos em cursinhos não era discutida no âmbito familiar, muito menos a entrada em uma instituição particular. O diálogo a respeito de um tempo além do Ensino Médio estudando para conseguir a aprovação em uma faculdade era inexistente, pois afirmava-se que a escola era suficiente para tal, apesar de não ser uma instituição focada em provas, mas na formação pessoal humana, com princípios além de provas e ensinamentos mais valiosos do que alternativas e notas de corte. Dessa forma, apesar de um grande interesse em tal carreira, a perda de interesse vem, em grande parte, da impossibilidade de sustentação da vontade, já que seria quase impossível ser aprovada em uma universidade pública de Medicina sendo uma aluna regular, sem tantos esforços durante os anos finais e sem o auxílio de aulas complementares.

3.1.2.1. BIOMEDICINA

A ponderação a respeito dos cursos de medicina e biomedicina se diferenciava mais pelo fator ‘nota de corte’ do que pela função prática da atuação profissional, apesar de serem dois cursos completamente diferentes. O segundo, em comparação com o primeiro, possui uma facilidade muito maior de entrada por ser menos concorrido, o que significa diretamente notas mais baixas no vestibular e, conseqüentemente, um fator mais interessante para a estudante que estava em busca de trabalhar na área de saúde, já que este era o interesse vigente na época.

No entanto, ao me aprofundar melhor nas atribuições da carreira e nas perspectivas de vida oferecidas, o sentimento não era o mesmo e, por esse motivo, foi uma opção de curso logo descartada.

3.1.3. ENGENHARIA

Ainda no processo de consideração de medicina como um caminho futuro, uma nova opção é colocada em questão: a engenharia.

Diferente dos cursos anteriores, neste caso, as motivações são um pouco mais próximas da realidade, apesar de não terem sido explicitamente reconhecidas durante o período de escolhas. Dentre os 4 filhos de minha avó paterna, 3 deles – incluindo meu pai – cursaram diferentes engenharias e possuem boas condições de vida. Além disso, durante o Ensino Médio, diferentemente do Fundamental II, comecei a ter mais habilidade e gosto por matemática, e depois em física, vendo, assim, um curso de exatas como uma boa opção que se encaixaria em uma nota de corte mais baixa que a de medicina, e ainda seria um curso que – idealmente – levaria a um futuro confortável financeiramente, além de também ser considerado de alto prestígio.

Assim, durante o processo de colocar o curso de engenharia como uma opção de fato, ainda no final do segundo ano do Ensino Médio, decidi que era um bom momento para fazer consultas de orientação vocacional e tentar entender qual caminho seguir. No entanto, em vez de clarear os aspectos de ambas as escolhas, o resultado foi inconclusivo, pois indicava que as duas carreiras – os cursos de engenharia e medicina – seriam ideais. Dessa forma, permaneci sem respostas que pudessem me ajudar na escolha que estava extremamente próxima.

Em algum momento, então, entre o final de 2014 e início de 2015, medicina foi descartada como uma opção pelos motivos já mencionados anteriormente, porém, durante o terceiro ano do Ensino Médio, ao me deparar com certos conteúdos na ementa de física, como eletromagnetismo e circuitos elétricos, ocorreu uma grande desilusão: me vi incapaz de ter um futuro com disciplinas que considerava insuportáveis e incompreensíveis – algo que não era comum até aquele momento.

Novamente, então, junto com a medicina e contrariando os resultados dos testes de orientação vocacional, realizada com uma psicóloga fora do horário escolar, a engenharia tornou-se apenas uma opção do passado, dando espaço para mais uma dúvida e uma nova incerteza, o curso de Letras.

3.2. LETRAS

Para chegar no momento da decisão do curso de Letras, é preciso relembrar alguns eventos específicos que influenciaram diretamente nessa decisão. Por isso, este subtópico será dividido em duas partes: um dos fatores mais relevantes e a escolha em si.

3.2.1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Durante o curso de licenciatura, nos momentos nos quais professores pedem aos alunos que compartilhem os motivos da escolha do curso, muitos referem-se a desejos antigos, a certas

habilidades dentro de sala ou a influências familiares. No meu caso, nenhuma das respostas mais comuns se aplicava totalmente e minha resposta nesse caso era sempre remetida à EJA.

Dentro da formação no Colégio São Vicente de Paulo estavam incluídos diversos projetos sociais, dentre eles, a monitoria na Educação de Jovens e Adultos. Dessa forma, todos os anos, estudantes do segundo ano do Ensino Médio podiam se inscrever para participar do projeto voluntário que consistia no acompanhamento das aulas de um professor para auxiliar os alunos do turno da noite uma vez por semana.

Quando mais nova, escutava comentários a respeito da participação no projeto vindos de colegas mais velhos, que sempre recomendavam a experiência. Por isso, apesar de fazer diversas atividades extraclasse, decidi participar e fui alocada como monitora de matemática. A decisão da matéria que cada aluno acompanharia era da orientação educacional pedagógica e ocorria por meio de resultados do boletim e afinidades indicadas no momento da inscrição.

Após algumas semanas no 4º módulo, correspondente ao último ano de escola, pedi para mudar de professor, pois estaria na companhia de alguns amigos e de um professor conhecido, que dava aula para o segundo ano no turno da manhã. Com isso, e ainda tendo o interesse no curso de engenharia, a escolha da faculdade parecia fazer sentido e estar em harmonia com os hábitos do momento.

No entanto, foi a experiência dentro de sala de aula que começou a mudar meu olhar em relação à escolha futura. Além dos obstáculos relacionados aos cursos mais concorridos, a docência, que antes nunca fora cogitada, passou a fazer parte do leque de interesses. No entanto, sempre soube que não era dentro da matemática especificamente que isso aconteceria e, além disso, fiz a escolha de não compartilhar com ninguém essa nova perspectiva, pois tinha consciência que seria um choque, considerando as outras opções que estavam em pauta. Assim, no semestre seguinte acabei mudando de matemática para português, nas 6ª, 7ª e 9ª fases, além de passar a frequentar a monitoria mais vezes por semana.

Além do primeiro vínculo com alunos em uma relação estritamente diferente de todas as outras até então experienciadas, na qual o monitor, para eles, era um docente, havia, também, o vínculo com os professores, já que as trocas eram constantes devido ao grande contato por longos períodos durante as semanas. Dessa forma, era possível acompanhar a rotina docente de perto, compreender em parte os prós e contras, considerando uma visão de 17 anos, e, mais importante, se encantar com a profissão.

Foi, então, que senti, pela primeira vez desde o começo da consideração das carreiras e seus respectivos cursos, uma identificação realista com uma das possibilidades e comecei a

refletir mais sobre o que significaria a escolha pelo curso de Letras, já que a docência parecia ser extremamente prazerosa.

Desde já, posso adiantar que fiquei na EJA por mais três anos, até começar um estágio remunerado já dentro da faculdade e não conseguir mais conciliar todas as obrigações e a vida pessoal. Além disso, foi mais que prazeroso acompanhar a trajetória de alunos das fases correspondentes ao Ensino Fundamental se formando anos depois.

3.2.2. A ESCOLHA – ATÉ ENTÃO – FINAL

Em primeiro lugar, é importante destacar os fatores internos e externos que culminam na complexidade da escolha.

Nunca fui uma aluna excepcional, estudava em vésperas de provas, realizava as atividades de casa normalmente e quase não apresentava dificuldades, apenas algumas bem pontuais, ou seja, tinha um rendimento bom, porém ordinário. No entanto, talvez por conta disso, não acreditava no meu potencial.

Meus interesses fora da sala de aula não eram política ou filosofia – como os dos mais engajados ou dos que assim se diziam – eram a cultura pop e séries, e assim, o tempo fora da escola não era dedicado a estudos. Hoje em dia tenho consciência de que faltava sim um pouco de vontade para adquirir conhecimentos além dos curriculares, porém, apesar de essa lacuna não significar mais ou menos inteligência, eu compreendia os comentários de meus amigos mais próximos dessa forma, e acabava me sentindo inferior por não ter domínio de temas considerados essenciais por eles na área de humanidades. Desse modo, não colocava entre as opções possíveis cursos como economia e direito, já que que exigiam domínio desses conteúdos e também se encontravam dentre os grandes concorridos que exigiriam uma dedicação considerável durante o ano.

Além disso, desde pequena tive muita autonomia e independência em minhas decisões. Acredito que, por esse motivo, meus pais nunca tenham interferido positiva ou negativamente em minhas escolhas profissionais até então. Não somente, ainda tinha como forte característica fazer decisões certas e ser bem decidida, assim, ao me deparar com tantos cenários de dúvida, era esperado que houvesse uma solução coerente com as opções vistas até então.

Por conta disso, as considerações que tinha acerca dessas escolhas eram, muitas vezes, discutidas com aqueles que estavam na mesma posição que eu, ou seja, amigos mais próximos – tanto os de dentro quanto os de fora da escola. Alguns haviam passado pelo processo de dúvidas e orientação vocacional, e outros sempre souberam o curso desejado. Mesmo assim, as escolhas eram as mais variadas – engenharia, economia, estatística, arquitetura, arqueologia,

direito, administração, medicina – e, em sua maioria, esperadas dentro do ambiente da escola particular de classe média. No entanto, poucos foram aqueles que optaram pela licenciatura: dentre quase 100 alunos do último ano, por volta de 5 escolheram a docência.

Sendo assim, considero também compreensível a reação de surpresa de pessoas próximas ao serem informadas de minha decisão de cursar Letras – Português/Literaturas na UFRJ levando em conta o capital simbólico explicado por Bourdieu envolvido em tal escolha, já que, pela primeira vez, a possibilidade não estava compreendida entre as opções mais prestigiadas e era uma minoria quando comparada a outros na mesma rede de relações.

Esse choque, porém, tornou o processo extremamente difícil e delicado – assim como é o assunto até os dias de hoje. Isso porque mais sessões de orientação vocacional foram realizadas para evidenciar que havia consciência na decisão de cursar letras e tentar explicar a racionalidade da escolha de algo que antes não estava sendo considerado – apenas por não ter sido vivenciado e apresentado antes junto com os cursos mais valorizados pela sociedade -.

Logo, em retrospecto, compreendo os diversos fatores que levaram até Letras: tanto os negativos, como o medo de grandes concorrências e de falhar no vestibular, já que não havia chances de cursinhos e a subestimação de minhas capacidades intelectuais, quanto os positivos, como o conforto em encontrar uma opção que me satisfaria em ambos os aspectos, pois havia notas de corte consideravelmente mais baixas, significando uma chance real de ingresso e gostava da área de português e literatura, além de ter encontrado, dentro da sala de aula, uma visão de futuro extremamente agradável.

4. AS VIVÊNCIAS

O presente capítulo trata de uma breve descrição de partes que, juntas, corresponderam ao período de quatro anos dentro da Faculdade de Letras.

4.1. CICLOS SOCIAIS

A entrada na faculdade não foi um momento muito celebrado no ambiente familiar, como já esperado, no entanto, por conta dos amigos que também estavam passando pelo mesmo momento, tornou-se extremamente prazeroso. Junto com a aprovação estava a mudança proporcionada pela maioria, que significava uma liberdade e independência extremamente diferente do que havia sido vivenciado até então.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro estava voltando de um grande período de greves, assim, as aulas de 2016.1 só começaram em abril, proporcionando um grande período de férias entre a saída da escola e entrada na faculdade, além de viagens e festas com a companhia daqueles que também estavam aguardando o início das aulas.

Dessa forma, sempre estava na companhia de Antonio e Bernardo, já que éramos – e ainda somos – bem próximos durante todo o Ensino Médio. Apesar de cada um ter escolhido um curso completamente diferente, estávamos no mesmo campus, o que facilitava a convivência dentro e fora da faculdade.

No entanto, dentro do curso de Letras não havia nenhum conhecido. Em um primeiro momento, ocorreu um certo choque, já que há anos me encontrava no mesmo ambiente com as mesmas pessoas, porém, logo em seguida me aproximei de uma colega de turma no dia de inscrição em disciplinas e continuamos bem próximas até a sua mudança de curso no final do período. Apesar disso, não me sentia próxima das outras pessoas da turma ou até de outras turmas que havia conhecido na semana de integração, até ser acolhida por um grupo maior já perto do começo das férias.

Foi, então, com parte desse grupo que segui até o fim da faculdade. No entanto, por conta da grande distância entre as casas, os encontros fora do campus se restringiam a eventos esporádicos durante o dia e em dias de semana para facilitar a locomoção de todos ou a festas na UFRJ. Esse fato, porém, nunca foi visto como um problema, porém era algo novo em relação às amizades, já que, até então, amigos da escola e fora dela moravam extremamente perto, possibilitando uma convivência enorme fora dos ambientes educacionais.

De qualquer modo, Alissa, Bianca, Wellington e eu combinávamos sempre a inscrição para conciliar os horários e conseguir estar nas mesmas turmas em quase todas as matérias. Assim, durante os quatro anos, principalmente com a Alissa, que esteve comigo desde os primeiros períodos, depois nas aulas de didática específica até o período de férias com matérias de educação e a cerimônia de colação, trocamos resumos, trabalhos em grupos, controles de faltas e muitas experiências, reclamações e fofocas.

Já no último ano, porém, foi criada a Atlética da Faculdade de Letras que organizava treinos para diversas modalidades nos finais de semana. Por participar de atividades esportivas desde muito pequena, vi ali uma grande oportunidade para voltar a praticar atividades físicas, que estavam sempre em segundo plano por conta da grande carga horária da faculdade. Os sábados, então, passaram a ser dedicados ao futsal e vôlei. Todavia, mais do que isso, a partir dessas atividades, acabei conhecendo colegas de diversos períodos que nunca havia tido contato antes e fazendo grandes amizades que se mantiveram para além da atlética e do curso. Em retrospectiva, fica claro que o apoio e vínculos ali gerados foram um fator fundamental para a continuidade do curso.

4.2. O DECORRER DO CURSO

Apesar da parte social da faculdade ser fundamental, para dar continuidade à retrospectiva de trajetória, este subtópico é focado na experiência com o alicerce do curso de letras, as matérias obrigatórias e os estágios realizados.

Destarte, o primeiro período teve início com sete das cinquenta e sete disciplinas que compõem o currículo da licenciatura em Letras Português-Literaturas, dentre elas latim, grego e variação linguística, a primeira de oito cadeiras de português. Além dessas, estava ainda Produção e Leitura de textos em Língua Portuguesa. A matéria era repleta de passos básicos fundamentais para a inserção do estudante recém-chegado na universidade, com produções escritas semanais e um seminário no final, no qual, pela primeira vez, tomávamos o lugar do professor e apresentávamos um projeto realizado dentro de sala de aula. O meu, sobre tempos verbais, foi aplicado na EJA, tornando-se uma experiência muito prazerosa que, de certa forma, indicava um caminho certo. No entanto, em relação às outras seis matérias não houve nenhum tipo de identificação ou gosto. Mesmo assim, tratando-se do primeiro período acreditei que aquilo não se repetiria no futuro. Assim, durante os semestres por vezes encontrava alguma cadeira um pouco mais interessante, como Linguística III – com as árvores sintáticas –, Linguística Cognitiva – discutindo frames –, Literatura Hispano-americana – por conta da diversidade de leituras e ricas discussões em sala –, Semântica, Questões da Literatura Brasileira e seguia cursando Letras unicamente motivada pela docência. Tinha, também, altas expectativas em relação à Didática, tanto a geral quanto a específica – a respeito de ensinamentos práticos para a sala de aula –, porém estas não foram alcançadas. Logo, por conta da baixa afinidade com as matérias, era frustrante ir à faculdade. Não havia motivação, pois não havia aulas – a meu ver – que valessem a pena o deslocamento até o Fundão, enfrentando ônibus cheios e trânsito na Linha Vermelha. Nesses dias, então, quando não havia um rígido controle de faltas, optava por ficar em casa e colocar a matéria em dia por meio de leituras.

O campus, na verdade, também foi um grande desmotivador. Apesar de gostar da possibilidade de integração entre os mais diversos cursos dentro de um lugar só e do “bandejão”, não me sentia confortável indo para o Fundão todos os dias. Aulas na Praia Vermelha, por outro lado, eram mais convidativas. Sendo assim, sempre que possível tentava conseguir vaga em matérias de educação, até mesmo no período extra realizado no início de 2019.

Percebo, nessa reflexão, ao tentar compreender melhor as razões de tantas frustrações, questões estruturais presentes no currículo do curso de Letras Português-Literaturas (licenciatura) que também levam outros estudantes a se questionarem a respeito de suas

escolhas. Em primeiro lugar, ao optar – na época na transição do segundo para o terceiro período – pela licenciatura, havia uma expectativa acerca da maneira como as matérias da grade curricular se relacionariam com a atuação em sala de aula, já que, no caso de licenciandos, era tão importante compreender a teoria com linguajar difícil quanto saber transmiti-la a adolescentes.

Assim, ao me deparar apenas com a parte teórica na grande maioria das aulas, com exceção de raros professores que utilizavam uma abordagem que incorporava nosso estar em sala ao mesmo tempo como aluno e como docente, tudo era voltado apenas para pesquisas e conhecimentos que dificilmente seriam utilizados na experiência futura de sala de aula. Até mesmo as matérias da Faculdade de Educação, como Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação eram extremamente distantes de algo que pudesse preparar os alunos para a realidade profissional. Reconheço a notoriedade de bases teóricas bem fundadas, pois são bases de conhecimento e de entendimento de como chegamos aos dias de hoje e de meios para evoluirmos, no entanto, é de suma importância a possibilidade de compreensão do que é, de fato, a docência dentro de um curso de graduação que tem como fins a formação de professores.

Além disso, ao chegar no sétimo período com altas expectativas por finalmente começar a ter Didática específica, que significaria uma matéria mais prática – principalmente por incluir Prática de Ensino – me deparei com outra decepção. Continuávamos com teorias sem prática, dando mais importância às horas complementares de palestras e rodas de conversa para conseguir cumprir os requisitos da matéria do que à compreensão da transformação do estudante em professor. Não havia trocas entre os alunos, não havia aproximação com o mundo real e com os desafios enfrentados pelos professores em sala. Alguns discentes não possuíam experiência prévia em escolas e com alunos, carregando o peso de realizar a regência sem a menor ideia do que estaria por vir. Por sorte, nesse sentido, a vivência na EJA havia me dado uma prévia do que estaria por vir, mas, mesmo assim, lidar com adultos era completamente diferente dos adolescentes com os quais me depararia ao iniciar o estágio curricular.

Foi, então, durante o estágio obrigatório, o qual realizei no Colégio de Aplicação da UFRJ (Cap – UFRJ), que pude sentir que tinha feito a escolha correta de permanecer no curso. Ao acompanhar uma turma de 1º ano do Ensino Médio, o sentimento de aprendizado e realização estava presente pela primeira vez. Havia reuniões semanais com a professora orientadora para discussão das atividades em sala e fora dela, além de acompanhamento de conselhos de classe. Foi dessa forma, a partir de um amplo espaço de trocas e acolhimento, que a experiência da prova de aula tornou-se tranquila e recompensante.

Na mesma época do estágio no CAp, realizava dois outros: um como corretora de redação, na Escola Alemã Corcovado, e outro como monitora de Língua Portuguesa (LP), no Colégio São Vicente de Paulo. As três experiências, em conjunto com aulas particulares, tornaram-se minha prioridade e motivação. No entanto, enquanto as duas primeiras estavam indo extremamente bem, foi por conta da última que comecei a perceber mais meus incômodos em relação à profissão. Auxiliava os alunos nas segundas e sextas-feiras, porém, como a maioria deles não buscava monitoria de português, acabava com um grande tempo ocioso e ficava cada vez mais desmotivada a continuar estagiando ali. Assim, já no final do meu curto período de tempo como monitora, presenciei uma cena rotineira, ao ver uma professora de LP que havia me dado aula há não tanto tempo terminando seu dia de aulas, extremamente cansada e desmotivada, exalando uma aparente falta de possibilidade de renovação profissional, que me fez refletir sobre o que eu gostaria de estar fazendo em alguns anos.

Embora aquele tipo de reflexão já estivesse em minha mente há algum tempo, escolhia não pensar a respeito, pois considerava que iria ser algo passageiro e que, no final da faculdade, estaria satisfeita com os resultados, mesmo não tendo gostado tanto do curso. Contudo, talvez por estar passando por outras mudanças na vida pessoal no mesmo momento, decidi tentar compreender as razões de tantas insatisfações e formas de resolvê-las.

5. A MUDANÇA

Uma vez decidida a compreender as raízes de minhas insatisfações, trago neste último capítulo os acontecimentos desencadeados a partir dessa escolha.

5.1. NOVOS CAMINHOS

Decerto a parte mais difícil de todo esse processo foi a mudança. Apesar de todos os confrontos com outras pessoas relacionados a escolha do curso de Letras, admitir para mim mesma que havia algo errado foi bem mais doloroso. Isso porque desde pequena sempre fui muito racional, ponderando todas as opções com cuidado, independente do assunto, tomando decisões acertadas.

Assim, como já exposto no capítulo anterior, estava entre o 5º e 6º períodos da faculdade quando comecei a perceber minha crescente insatisfação com o rumo que minha vida estava tomando. Não estava muito satisfeita com a graduação, porém já tinha passado da metade do curso e estava prestes a começar os estágios, dessa forma, decidi não dar a devida importância aos meus sentimentos incômodos em relação ao curso de Letras, acreditando que passariam ao final da faculdade.

No entanto, o descontentamento só aumentou. Foram, de fato, os estágios que me deram motivação suficiente para permanecer nessa situação desgastante, principalmente por conta da remuneração. Apesar de ainda morar com minha mãe, trabalhar nas escolas e dar aula particular me dava a oportunidade de ter algo que sempre valorizei: a independência financeira. Contudo, foi essa mesma remuneração que me fez prestar atenção aos pensamentos angustiantes em relação ao futuro que eu seria capaz de construir com a licenciatura.

Desse modo, ao longo do processo de amadurecimento dentro da faculdade e do mercado de trabalho, percebi que a questão financeira era um fator de extrema importância que não poderia ser ignorado, e que alguma mudança deveria ser feita para isso, já que não seria dentro das salas de aula, num país que desvaloriza cada vez mais os professores de todas as formas possíveis, que eu conseguiria atingir meus desejos. Além disso, a falta de oportunidades também se tornou um fator a ser considerado, uma vez que, para conseguir um bom emprego, as escolas pedem anos de experiência – apesar de não dar a oportunidade para construí-la – e cursos de pós-graduação – que eu não tinha a menor vontade de iniciar, pois não me identifiquei fortemente com nenhuma área dentro da educação, da literatura ou da linguística.

Foi, dessa forma, que me vi em uma encruzilhada sem saber o que fazer caso decidisse permanecer naquele estado e na profissão. Para não desistir sem tentar até o final, durante o último período de aulas, sem uma efetivação no estágio por falta de funções para uma recém-formada, me inscrevi em diversos processos seletivos nas mais variadas escolas e fui selecionada apenas para dois, sendo um deles em uma escola de São Paulo para uma vaga de *treinee*, porém, quando cheguei ao local, havia apenas pessoas bem mais velhas com um currículo mais rebuscado e cheias de experiência. Nesse momento, já sabia que não iria para a próxima fase e decidi, finalmente, pensar mais a respeito de outros cursos que tinha interesse e poderiam me dar a oportunidade de construir o futuro que desejo, não somente em relação ao dinheiro, mas também no que diz à possibilidade de fazer algo que me proporcionasse uma felicidade que o curso de Letras e o exercício docência nunca me proporcionaram.

Após considerar algumas opções e conversar com poucos amigos bem próximos sobre o cenário de insatisfação e infelicidade, tomei a decisão final, em dezembro de 2019, de estudar novamente para o vestibular, porém, dessa vez, completamente sozinha – sem a rede de apoio que um terceiro ano do Ensino Médio proporciona – para cursar Direito.

5.2. A CONCRETIZAÇÃO DOS PLANOS

Fazer decisões, apesar de não ser uma tarefa simples, é mais fácil do que as colocar em prática. Após a finalização do período de 2019.2, meu último semestre de aulas na Faculdade de Letras, aproveitei alguns dias de férias até começar a planejar o que faria nesse novo – porém familiar – caminho. No entanto, por não estudar matérias de exatas ou naturezas há quase cinco anos, percebi que apenas livros não seriam suficientes. Precisaria, então, encontrar um método de estudos completamente distinto do que utilizei nos quatro anos do curso de Letras e, além disso, precisava conciliar com a escrita do trabalho de conclusão de curso.

Vivenciei várias tentativas de leitura, realização de exercícios até encontrar um cursinho online que acabou sendo fundamental para meu desempenho. Além disso, ainda fazia aulas de redação toda semana para aprimorar minha escrita em modelos de vestibular, algo muito distante da escrita acadêmica.

A caminhada até aqui foi extremamente difícil e cheia de obstáculos, mas, por conta disso, nesse processo de rememoração percebo meu amadurecimento, minha capacidade de disciplina e foco para atingir meus objetivos, além de um sentimento de segurança em relação a todo esse processo. Acredito que as vivências dentro da Faculdade de Letras foram fundamentais para minha formação pessoal e humana, por me tirar incessantemente de minha zona de conforto e pelas inúmeras experiências e amizades que não poderia ter vivido e construído em outro lugar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa análise por meio do método autobiográfico me permite reconhecer, ainda, que nem sempre podemos controlar o caminho a ser seguido, pois, apesar de ter decidido não continuar minha carreira como docente, encontro-me trabalhando novamente na escola onde estagiei, agora como professora auxiliar, vivenciando todos os dias a rotina da área de educação que pensei estar me desvencilhando ao decidir seguir novos caminhos, além de possibilitar reflexões que proporcionaram um autoconhecimento ainda maior a respeito tanto da entrada e frustrações no curso de Letras quanto da saída em direção a um recomeço completamente diferente de tudo o que já vivi até então.

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação.” (JOSSO, 2007, p.414)

A (re)construção de minha história por meio da rememoração foi um processo desafiador, pois revisitar épocas passadas para fazer tantos questionamentos – a respeito de minhas escolhas em conjunto dos motivos que me levaram a elas - e compreendê-los com a visão presente não é uma tarefa fácil. Exige, por vezes, o retorno à reminiscência de períodos ruins, mas permite a recordação de momentos marcantes e formadores de minha identidade.

Ademais, é relevante destacar um aspecto fundamental da narrativa autobiográfica: o poder de formatação que reside na narrativa e está em cada um, os relatores das próprias vidas. Pela narrativa é possível transformar os acontecimentos mundanos, as ações e as pessoas em episódios, intrigas e personagens, é possível organizar os acontecimentos e dar a eles um significado no espaço e no tempo. Ela constrói personagens principais e dá uma história a essa vida. "Temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida." (DELORY-MOMBERGER, 2011, p.341). Dessa forma, ao significar os acontecimentos narrados, pude compreender não somente motivos pessoais que compuseram minha trajetória, mas também elementos estruturais da sociedade, como as expectativas em relação às escolhas profissionais, além de identificar insatisfações concretas em relação ao modo de realização da formação docente dentro da universidade, evidenciando o caráter de investigação de pesquisa da narrativa autobiográfica.

Outrossim, creio que esta experiência de resgate e reinterpretação de lembranças foi fundamental, principalmente no contexto atual de mudança da conclusão de um ciclo e o início outro completamente distinto, para dar um fim concreto às angústias que carreguei comigo desde antes do Ensino Médio, pois o autoconhecimento aqui construído nas investigações sobre meu processo de formação foi capaz de esclarecer pequenas coisas que antes não faziam sentido, mas agora são capazes de explicar essa trajetória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Denise Maria Gurgel Lavallée; revisão científica Maria da Conceição Passeggi- Natal, RN: EDUFRRN, São Paulo: Paulus, 2010.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A formação do professor: um olhar fenomenológico**. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org.) *Formação de Professores? Da incerteza à compreensão*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1974

_____. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n.96, p.105-115, July 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000200008&lng=en&nrm=iso>. Access on 03 Apr. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002013000200008>.

BUENO, Belmira Oliveira et al . Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 32, n. 2, p. 385-410, Aug. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200013&lng=en&nrm=iso>. Access on 03 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200013>.]

CHENÉ, Adèle. **A narrativa de formação e a formação de professores**. In: NÓVOA, António e FINGER, Matthias (Org.). *O método (Auto) biográfico e a formação*. Lisboa. Ministério da Saúde, 1988.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 333-346, Apr. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

46982011000100015&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Apr. 2021.
<https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100015>.

GABRIEL, Gilvete de Lima. **Narrativa autobiográfica como prática de formação continuada e de atualização de SI: os grupos-referências e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária docente.** – 1 ed. – Curitiba, PR: CRV, 2011.

JOSSO, Marie Christine. **Experiência de vida e formação/** Marie Christine Josso; prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Claudino e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna - São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Traduzido por Denice B. Catani e Helena C. Chamlian. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999.

_____. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, XXX (63),413-438, (2007). [data de consulta 3 de janeiro de 2021]. ISSN: 0101-465X. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=848/84806302>

MORAIS, Maria Elisa Salazar. **Minha trajetória: um retrato autobiográfico em formação.** 2013. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2013

NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins e PEREIRA, Flávia Goulart. Gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.03, p.15-38, dez. 2010.

NÓVOA, António e FINGER, Matthias (Org.). **O Método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa. Ministério da Saúde, 1988.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto Alegre. Porto Editora, 1992.

PASSEGGI, Maria Conceição; et al. **Formação e Pesquisa autobiográfica**. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.) *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação**. In: NÓVOA, António e FINGER, Matthias (Org.). *O Método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa. Ministério da Saúde, 1998.

_____. **Temporalidades na formação**. São Paulo: Triom, 2004.

_____. As histórias de vida em formação. Gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. In: **Educação e pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

_____. **As histórias de vida**. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

RODRIGUES, Hellen Cris de Almeida. **NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: a configuração da experiência formadora por meio do Estágio Supervisionado**. 2014. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Roraima.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o Habitus. Tradução por José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira; revisto por Carla Augusto e Loïc Wacquant. **Sociologia. Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, n. 14, p. 63-71, 2004.

ZARTH, Jéssica Fernanda. **Uma aventura autobiográfica: memórias da formação docente.** 2018. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 26 out. 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/2364>>